

Das margens ao centro das decisões para a inclusão e a equidade racial

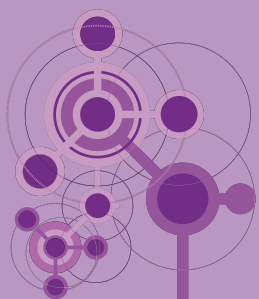
Decisions for inclusion and racial equity: from the margins to center stage

De la orilla al centro de las decisiones hacia la inclusión y equidad racial



Selma Moreira

- Administradora de empresas pela FITO (Fundação Instituto Tecnológico de Osasco).
- Especialista em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela ECA/USP.
- Especialista em Gestão e Empreendedorismo Social pela FIA/USP.
- Atualmente é vice-presidente de Diversidade, Equidade e Inclusão da J.P. Morgan.
- Foi Diretora Executiva no Baobá – Fundo para Equidade Racial, primeiro e único fundo dedicado, exclusivamente, à promoção da equidade racial para a população negra no Brasil.
- E-mail: moreira.scm@gmail.com



Resumo

A superação das diferenças sociais relacionadas a classe, gênero, cor e etnia é um desafio para gerações de pessoas brasileiras. Em uma sociedade fundada na desigualdade e no racismo estrutural, os efeitos sistêmicos são persistentes e se manifestam em condições precárias de vida e acesso desigual às oportunidades, sobretudo para pessoas negras. Neste depoimento, conto minha trajetória pessoal, profissional e minha atuação no movimento negro, alertando para a necessidade de criar estratégias eficientes para empresas e organizações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: RACISMO ESTRUTURAL • DISCRIMINAÇÃO • DESIGUALDADES • ATIVISMO RACIAL • AÇÃO SOCIAL.

Abstract

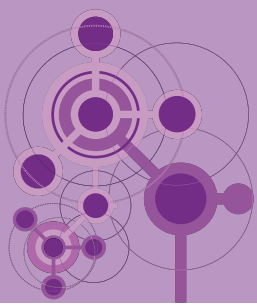
Overcoming the vast social differences between classes, genders, race and ethnicities is a generational challenge for Brazilians. In a society built based on inequality and structural racism, the persistent systemic effects manifest themselves in precarious living conditions and unequal access to opportunities, especially for Black people. In this testimony, I tell my personal and professional story and role as a black activist, warning about the need to generate efficient strategies within the business sector and social organizations.

KEYWORDS: STRUCTURAL RACISM • DISCRIMINATION • INEQUALITIES • RACIAL ACTIVISM • SOCIAL ACTION.

Resumen

Superar las diferencias sociales relacionadas a clase, género, raza y etnia es un desafío para las generaciones de la población brasileñas. En una sociedad que se basa en la desigualdad y el racismo estructural, los efectos sistémicos son persistentes y se manifiestan en precarias condiciones de vida y en el acceso desigual a las oportunidades, especialmente para las personas negras. En este texto narro mi historia personal, profesional y mi activismo en el movimiento negro, llamo la atención sobre la necesidad de generar estrategias eficientes para la empresas y organizaciones sociales.

PALABRAS CLAVE: RACISMO ESTRUTURAL • DISCRIMINACIÓN • DESIGUALDADES • ACTIVISMO RACIAL • ACCIÓN SOCIAL.



INTRODUÇÃO

Minha trajetória não difere muito de uma jovem negra nascida na Grande São Paulo, numa família sem muitos recursos, em que as carências sociais se mesclaram com o sonho e o desejo de uma vida melhor, de uma boa educação e oportunidades profissionais. Costumo dizer que este sonho, que é o de todos nós, foi alcançado. Seria mais fácil admitir que sou uma pessoa realizada e que daqui para frente devo apenas prosseguir com a minha carreira de gestora, após anos de estudos e trabalho. Contudo, ainda há muito por fazer. Basta observar a realidade brasileira e as enormes diferenças sociais entre classes, gêneros e etnias que, infelizmente, estão longe de desaparecer.

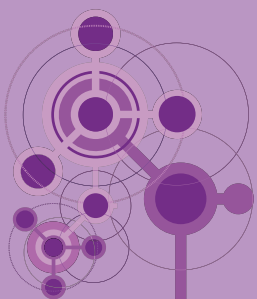
A consciência de que o nosso desafio social é uma tarefa que vai envolver gerações de brasileiros e brasileiras foi aos poucos se impondo na minha trajetória. Fui uma jovem bem-intencionada que acreditava que o trabalho duro era suficiente para superar os séculos de discriminação e violência pelos quais meus antecessores passaram. Hoje, tenho orgulho de dizer que sou uma mulher negra, ativista e periférica, que tem consciência dos atravessamentos que compõem a minha história e que me levaram a uma forma diferente de estar no mundo.

Em 2022, iniciei uma nova fase da minha vida profissional no mercado financeiro, como vice-presidente de equidade e inclusão para América Latina, Canadá e Bahamas de uma grande instituição, desafio que considero uma outra etapa do meu desenvolvimento profissional, forjado no mundo corporativo, na academia, em organizações da sociedade civil, em trabalhos de campo e numa multiplicidade de saberes e técnicas aprendidos e acumulados em vivências diversas.

Hoje, com consciência dos efeitos das desigualdades sociais e como gestora e ativista, não tenho dúvida da importância de ações conjuntas dos indivíduos, organizações da sociedade, Estado e empresas; é esse o caminho possível para estruturar um futuro para nossa sociedade, em especial para as pessoas oriundas das classes populares e que sofrem os efeitos da discriminação racial. Tenho consciência de que sou uma ativista em outro contexto. Acredito que todos os atores da sociedade são responsáveis por promover uma sociedade mais justa, inclusiva e digna. Nos últimos anos, tenho também atuado como conselheira em diversas organizações e na elaboração do Pacto de Promoção da Equidade Racial e do índice ESG de Equidade Racial, que são instrumentos valiosos para consolidação dessa pauta. Precisamos criar formas complexas e sistêmicas para transformar a sociedade para que pessoas negras possam viver com dignidade, acesso a direitos e possibilidades de escolha de seus rumos individuais. Em suma, que tenham a possibilidade de sonhar e de alimentar o desejo de estarem onde e quando quiserem. Minha missão é promover diálogos que tenham como propósito acelerar nas organizações privadas as pautas da diversidade, da equidade e da inclusão.

Aprendi desde muito cedo a importância da educação, da dedicação e garra para vencer os desafios. Meus pais migraram de Minas Gerais e da Bahia para São Paulo em busca de oportunidades de trabalho e acesso a direitos sociais básicos. Nas décadas de 1960 e 1970, eles e muitas outras pessoas com trajetórias similares tiveram a oportunidade de ter uma vida modesta, porém digna, especialmente na Região Sudeste, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Meus pais vieram para São Paulo e foram morar na região metropolitana, em Osasco, onde nasci. Com poucos anos de educação formal, ambos tiveram que ir à luta e se dedicaram a inúmeras atividades. Meu pai trabalhou na construção civil, no transporte público, até se firmar numa indústria metalúrgica. Minha mãe dedicou-se aos trabalhos domésticos, como babá, e depois ao comércio. Trabalharam arduamente para realizar o sonho de ter a casa própria e formaram uma família com três filhos.

Comecei a estudar com seis anos em uma escola pública em Osasco. Sempre fui muito curiosa, desbravadora e ávida por aprender. Fui uma grande usuária de serviços de assistência social, atividades recreativas e cursos preparatórios



oferecidos para crianças e jovens periféricos por meio de organizações sociais e religiosas. Fui estudar teatro num curso oferecido por uma organização social, porque naquela época sonhava em ser atriz. Conciliava o trabalho de ajudante de vendas (ela era sacoleira), com escola e diversão. Era preciso trabalhar, mas também brincar.

Aos 15 anos, comecei a trabalhar formalmente. Num passeio ao shopping com uma amiga, descobri uma empresa que selecionava jovens para trabalhar como empacotadores numa rede de supermercados multinacional. Meus sonhos eram modestos: queria poder comprar um tênis e uma calça jeans de marca famosa, itens de vestuário que meus pais não tinham como me oferecer. Pensei que trabalhar no supermercado seria uma ótima oportunidade para ganhar um 'dinheirinho', comprar roupas e me sentir parte dos grupos mais estilosos da escola. Eram esses os meus sonhos. Não dava para ser diferente se não temos acesso a referências culturais variadas e que não valorizem apenas o consumo de bens.

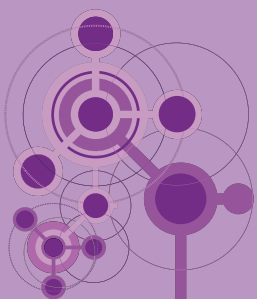
O trabalho no supermercado me permitiu conhecer outros mundos. Vi funcionários estadunidenses circulando pela loja, falando inglês, usando roupas elegantes. Eu nunca havia visto pessoas se vestirem daquela maneira, principalmente nos grupos de meu relacionamento. Só conhecia aquela realidade por meio de imagens na tela da TV. De repente, tudo pareceu tão perto e imponente. Decidi estudar inglês porque queria fazer parte deste novo mundo.

Mas, ao fazer as contas, vi que o meu salário não era suficiente para ajudar nas despesas de casa, pagar a prestação da calça jeans e do tênis e ainda investir no curso de inglês nas escolas mais renomadas do centro da cidade. Fiquei desanimada, porém não desisti e encontrei uma escola de idiomas de 'fundo de quintal' na minha vizinhança. O professor fazia uma roda com os alunos e alunas no quintal para ensinar inglês. E lá estava eu, mais uma vez, sendo acolhida pela generosidade e capacidade de compartilhamento de outras pessoas como eu, pessoas periféricas, que se dedicavam a partilhar o que tinham com alegria e generosidade.

Ao terminar o segundo grau, fui cursar administração de empresas em uma faculdade privada. Naquele tempo, já havia aprendido a conciliar meu tempo para educação e trabalho, estudando de madrugada, no ônibus e com pouco tempo para lazer e diversão. Com a entrada na faculdade, fui aprovada no recrutamento interno da empresa onde trabalhava para atuar no departamento jurídico. Era hora de começar a usar o aprendizado de inglês, informática e tudo o que eu havia aprendido até aquele momento. Naqueles anos, que foram muito intensos, tinha a impressão de ser uma personagem de telenovela convivendo com pessoas que usavam roupas sociais, falavam inglês, tinham um vocabulário vasto, viajavam pelo mundo, frequentavam restaurantes e apreciavam cultura. Parecia que eu tinha sido abduzida para um universo paralelo. Na adolescência, desejava ser atriz, ficar famosa e aparecer na televisão. Adorava telenovelas, achava aquela vida tão diferente da minha realidade e não via a representação de pessoas negras, os lugares eram sempre lindos, havia asfalto, o estilo de vestir e os hábitos alimentares eram diferentes. Estava feliz no universo de telenovela da empresa, mas rapidamente percebi que não conhecia os códigos do mundo corporativo, não tinha referências para compreender como ocupar aquele espaço, meu repertório era simples. Apesar de tudo, estava disposta a aprender.

Tive a sorte de encontrar pessoas que me ajudaram no meu processo de desenvolvimento. Eu sempre estava atenta, absorvia tudo o que era apresentado. Foi uma época em que também me sentia inadequada, com crises sobre meu corpo, meus cabelos, meus óculos. Anos depois, consegui compreender que o incômodo que sentia era a percepção da falta de representatividade e diversidade no ambiente em que trabalhava. Não havia pluralidade de trajetórias e estilos. Com o tempo, me regenei emocionalmente e consegui lidar com desafios diários, grandes e pequenas agressões, a fim de prosseguir resistindo e existindo.

Minha atuação no mundo corporativo começou a se modificar quando tive a oportunidade de trabalhar com pautas de responsabilidade social empresarial. Já no final da graduação, tive a chance de me envolver com atividades de relacionamento com comunidades. Tinha sensibilidade e competências para dialogar, planejar e executar projetos que procuravam compatibilizar



demandas de comunidades e empresas. Nesse momento, redescobri os valores da solidariedade e tive a chance de retomar a esperança como gestora de projetos. Meu objetivo ao trabalhar com temas de desenvolvimento social era contribuir para tornar as comunidades protagonistas das ações com apoio de empresas.

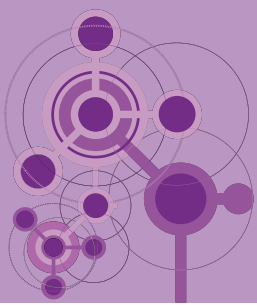
Naquele momento, percebi que poderia me valer dos vários aprendizados que havia adquirido ao longo da minha formação em regiões periféricas. Fui criada numa família de poucas posses, muita generosidade para com o próximo, práticas religiosas e expectativa de uma vida melhor a partir do acesso à educação. Minha base de valores sempre foi orientada pelo cuidado pessoal e com o próximo, pelo respeito às pluralidades, pelo senso comunitário e solidário com familiares e toda a comunidade. Minha personalidade foi desenvolvida em meio ao contexto de escassez de recursos e abundância de solidariedade e generosidade. Viver era um desafio diário com foco no trabalho duro e na crença de que o esforço permitiria alcançar uma vida melhor no futuro. Por vezes, o contexto de escassez nos obriga a desenvolver uma força extra para sobreviver, que nos demanda energia e foco, que comumente nos impede de levantar a cabeça e sonhar, fato que ocorre especialmente com os adultos responsáveis pelo sustento de suas famílias.

A vida em uma comunidade de baixa renda me fez sensível para compreender os efeitos das desigualdades desde muito cedo. A recorrente falta de alimentação, saúde e educação de qualidade, episódios de violências, dores, choros, mas também momentos de acolhimentos e celebrações, faziam parte da minha história. Viver em comunidade é uma forma de estar no mundo na qual só tem sentido por meio de conquistas do coletivo. As lições diárias me faziam refletir sobre os motivos pelos quais tantas pessoas de minhas relações afetivas, mulheres e homens negros, se dedicavam a trabalhar em belas casas, lojas e empresas nas atividades de cuidado, como empregadas, babás, motoristas, vendedores etc., e quase nunca conseguiam desfrutar de momentos de lazer. Suas vidas se resumiam a servir e providenciar o que fosse necessário para atender os desejos dos outros, em geral patrões e chefes. Em sua maioria, as mulheres negras se dedicam ao trabalho doméstico em troca de uma remuneração insuficiente e os homens sofriam diferentes tipos de violência. Toda essa observação sobre escassez para alguns em um país de abundância contribuiu para minha formação e deu base para a minha vida profissional.

Comecei a compreender como o capital gerado pelas grandes empresas poderia contribuir para o desenvolvimento social e comunitário. Ao me envolver cada vez mais com organizações sociais, pude aprender sobre o Brasil e suas desigualdades. Ampliei minha visão de mundo ao ter contato com o retrato social e racial de nosso país, além das propostas para a construção de uma sociedade mais justa. Ao estudar os dados sociais, passei a compreender o gigantesco desequilíbrio social e racial, resultado da falta de alimentação, moradia, educação, saúde e vida com dignidade. Aprendi com as evidências que a desigualdade no Brasil tem cor e gênero.

Para aprimorar minha atuação profissional, ingressei no curso de especialização em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas, na ECA/USP. Meu trabalho de conclusão de curso abordou a responsabilidade social nas organizações privadas. Com o conhecimento de gestão e comunicação estratégica, consolidei minha atuação em projetos sociais que preparavam jovens para o mercado de trabalho. Nesses programas, já era possível observar a evasão de meninas e mulheres pressionadas a priorizar o trabalho doméstico e gerar renda para ajudar no sustento de suas famílias. Também tive a grande oportunidade de atuar em um projeto de cooperativa de catadores, um grupo resiliente, com precárias condições de trabalho, que se destacava pelo trabalho de reciclagem de resíduos, geração de renda e governança feita a partir de decisões coletivas. O grupo de catadores já era um grande exemplo de atuação ambiental, social e de governança, antes mesmo de o conceito ASG ser formulado (acrônimo para Ambiental, Social e Governança).

Um divisor de águas na minha vida foi a chance de fazer parte do Baobá – Fundo para a Promoção da Equidade Racial. Fui acolhida por um grupo de ativistas, homens e mulheres negros, que dedicaram suas vidas à luta pela construção de uma sociedade mais justa e a combater todas as formas de racismo. Iniciava uma atividade no terceiro setor e até então



nunca havia trabalhado numa organização que visava mudar práticas sociais. Acreditava que tudo que havia aprendido nas empresas nas quais trabalhei pudesse solucionar os problemas que vinham da sociedade. Os instrumentos de gestão se mostraram insuficientes. E me dei conta do meu grande engano. Precisava aprender, conhecer novos conceitos, mudar as práticas e enfoque. Era tanto para assimilar que parecia impossível à primeira vista.

Nos sete anos em que fiz parte do Fundo Baobá tive de ressignificar muito das minhas experiências. Passei a conviver e a atuar juntamente com grandes representantes do movimento negro para planejar estratégias de atuação do fundo. Tive o privilégio de ampliar minha visão de mundo, dar sentido e ressignificar minha vivência com ativistas intelectuais como Sueli Carneiro, Maria Aparecida Bento, Ana Toni, Amalia Fischer, Cristina Lopes, Hélio Santos, Giovanni Harvey, Jurema Werneck e Fernanda Lopes, entre outros, que me ajudaram a compreender e transformar meu modo de estar no mundo. Nosso objetivo era construir uma ponte entre todo o conhecimento acumulado por esses ativistas, por grandes intelectuais que se dedicaram a compreender as muitas dificuldades enfrentadas pelo povo negro no Brasil, e cocriar projetos liderados por organizações e lideranças negras, e com o engajamento dos atores de setores sociais e empresariais, para que pudéssemos cumprir nossa missão de promoção da equidade social.

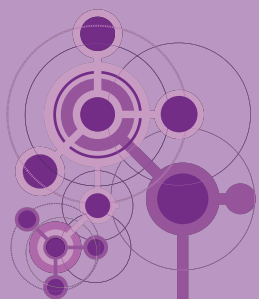
O conceito de racismo estrutural e seus profundos efeitos sistêmicos em nossa sociedade modificaram minha compreensão da realidade social na qual vivemos. Passei a me dedicar com mais intensidade a formar meu posicionamento no mundo considerando a possibilidade de justiça social. O quebra-cabeça das desigualdades no imbricamento entre raça, classe e gênero passou a fazer sentido para mim. Pude perceber que as injustiças sociais aprofundavam as feridas do racismo em nossa sociedade na qual o Estado nem sempre atua para diminuí-las. Nosso país tem em sua formação a desigualdade e a hierarquização de seres humanos como base de seu modelo de sociedade, na qual o padrão racial é determinante para o desequilíbrio de acesso às oportunidades. Consegui juntar as peças desse quebra-cabeça para aprimorar o que de fato eu sabia fazer como gestora.

Na convivência com as lideranças do movimento negro, reelaborei minha história e descobri novas fontes de inspiração para minha prática profissional. Na experiência ancestral das irmandades negras, que desenvolveram estratégias para a construção de uma vida digna para pessoas negras, pude perceber a força de um modelo de organização para alcançar conquistas coletivas. Essas associações eram formas de resistência que valorizavam a equidade de gênero com participação de mulheres em cargos estratégicos.

Ao tomar consciência da forma como o preconceito racial e o racismo fazem parte da formação de nossa sociedade, pude rever inúmeras questões e fatos da minha história pessoal. Passei a compreender com mais nitidez os desafios estruturais da nossa sociedade e a contribuir com a construção de uma sociedade mais justa fundamentada na igualdade de direitos para todos. O combate ao racismo e a promoção da justiça racial tornaram-se meu propósito de vida.

No período em que o Fundo Baobá se consolidava como organização, tive a honra de estar em sua direção por sete anos. O intenso contato com o movimento social negro havia me dado a oportunidade de observar a complexidade estrutural e o funcionamento do racismo em nossa sociedade. Discutíamos soluções que pudessem impactar a coletividade efetivamente. A experiência na direção me ofereceu a oportunidade de operar um modelo de governança de excelência e fazer a gestão de recursos do fundo patrimonial. Todo esse trabalho possibilitou o fortalecimento de nossa missão institucional de promover ações para organizações e lideranças negras em todo o território nacional, dispostas a levar adiante o trabalho de construção de justiça social e equidade racial para a população negra para que ela se desenvolva de modo integral e pleno.

Atualmente, é possível observar movimentações impulsionadas por organizações sociais que impactam os setores privado e público. No contexto brasileiro, é urgente convocar organizações e cidadãos para fomentarem iniciativas de promoção



da equidade racial. Infelizmente, o Brasil ainda apresenta índices elevados de desigualdade social, que afetam de forma desproporcional a população negra. Somos um país formado, majoritariamente por uma população negra e feminina, como indicam os relatórios *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), e *Retrato das desigualdades de gênero e raça*, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2015). A pandemia da covid-19 agravou a situação dessa população, que ocupa a base da pirâmide social. Precisamos contar com o apoio de todos os agentes sociais para reparar o abismo social e racial brasileiro de forma urgente e permanente.

Sigo minha jornada sendo uma 'eterna aprendiz' disposta a ocupar novos espaços de atuação e de poder. Vejo como necessária a atuação de mais mulheres e pessoas negras em posições de liderança no setor privado e nos conselhos de administração. Avalio como fundamental e urgente projetar estratégias para ocupar espaços que ainda não refletem a diversidade da sociedade brasileira. Temos de ampliar nossa atuação para os mais variados espaços, conquistando corações, mentes e bolsos, sobretudo daqueles que não conseguem ainda perceber como contribuir para fazer avançar a pauta da diversidade racial. Devemos construir estratégias cada vez mais eficientes e efetivas, conectando e envolvendo diferentes instituições, dialogando com empresas e formadores de opiniões. O tema do combate ao racismo não é exclusividade das pessoas negras. Negros e não negros precisam se comprometer e se engajar nesta pauta para avançarmos na superação dessa agenda. Temos de contar com mais pessoas nesta jornada trabalhando ao nosso lado, investindo numa comunicação que sensibilize e modifique as ações na sociedade.

Tenho orgulho de ser uma mulher negra consciente do meu caminho percorrido, comprometida com o propósito de contribuir para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva e que segue os passos de outras mulheres que me antecederam, seja na luta contra o racismo, da violência e pelo bem viver.

Termino meu depoimento destacando um trecho da *Declaração da Marcha das Mulheres Negras* e que retrata minha trajetória:

Na condição de protagonistas da proposição de outra forma de ver e intervir no mundo, sintetizada nos fundamentos do Bem Viver, oferecemos ao Estado brasileiro nossas experiências historicamente acumuladas como forma de construirmos coletivamente uma outra dinâmica política. Pelo que se viu, essa outra dinâmica é impossível sem a superação do racismo, do sexismo e de todas as formas de discriminação, responsáveis por subtrair a humanidade de mulheres e homens negros. Postulamos que a construção desse processo deve ser iniciada aqui e agora. (Marcha das Mulheres Negras, 2015, p.18)

REFERÊNCIAS

Marcha das Mulheres Negras. *Marcha contra o racismo, a violência e pelo bem viver*. documento analítico e declaração. Brasília, DF: [s.n.], 2015. Disponível em: <http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Carta-das-Mulheres-Negras-2015.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=sobre>. Acesso em: 7 jan. 2023.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Brasília, DF: IPEA, 2015. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/apresentacao.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Artigo recebido em 23/11/2022 e aprovado em 23/01/2023